Descartes e o ensino médico

Gisele Rodrigues Lobato[1], Oly Lobato[2]

René Descartes foi, talvez, o filósofo que mais influência teve nos diferentes campos do saber humano, incluindo a medicina. Mas a nós, neste momento, interessa basicamente suas ideias sobre a doença e o doente.

Para Descartes, mente e corpo eram "entidades" separadas e ele acreditava que a alma localizava-se na glândula pineal. Pela sua concepção, a saúde era considerada de forma mecanicista, igual ao funcionamento de um relógio bem construído. Ao contrário, a doença e o homem doente correspondiam ao que se poderia esperar de um relógio defeituoso e desajustado.

Em que pese toda a renovação de ideias trazida pelos pensadores médicos do século XIX, especialmente Sigmund Freud (1856-1939), o modelo dualista e mecanicista do filósofo francês continuou e continua a ser aplicado à doença e, por extensão, ao homem doente. Os transplantes de órgãos, símbolo e orgulho dos avanços tecnológicos da medicina moderna, significaram algo mais que a reposição de uma peça inútil no relógio humano de Descartes?

A descoberta do micróbio por Pasteur (1822-1895) e os geniais estudos de Koch (1843-1910) sobre o bacilo da tuberculose, juntamente com as ideias de Virchow (1821-1902) sobre a patologia celular vieram ressaltar uma terceira característica do modelo cartesiano de doença: o reducionismo, isto é, a tendência a reduzir fenômenos complexos a seus componentes mais simples e considerar estes últimos como mais importantes. Dentro dessa perspectiva reducionista, a presença de germes no organismo explicaria a infecção, aterosclerose equivaleria ao aumento do colesterol no sangue e células que proliferassem no corpo seriam igual ao câncer, etc.

É evidente que a infecção é mais que o micróbio, a aterosclerose é muito mais que o colesterol anormal e uma doença complexa e desde o início sistêmica, como o câncer, não é só um agrupamento anormal de células mutantes.

O ensino médico vem sofrendo e sofre as consequências dessa visão dualista, mecanicista e reducionista. E ainda que tal fato seja negado pelos médicos em geral, professores ou não, a sua realidade permeia os planos de ensino, os currículos e a própria prática médica.

Não são poucos os que têm se insurgido contra essa tendência. George Engel, uma das mais destacadas figuras da psiquiatria americana, analisa em dois lúcidos artigos ** o que ele denomina o modelo biomédico e chama a atenção para a insuficiência do referido modelo, não só para a formação profissional como também para o exercício da medicina clínica. No mesmo sentido, e para citar alguém bem conhecido, procede Fritjof Capra, o físico e humanista suíço, no seu fabuloso livro *O ponto de mutação*.

Consideremos agora uma outra perspectiva, tão velha quanto cinquenta séculos, mas que só atualmente recebeu a denominação adequada: a visão holística do homem, são ou doente.

A concepção holística (do grego *holos*: todo, integral), que foi logo se estendendo a várias áreas do conhecimento, como a física, a psicologia, recebeu o respaldo de duas correntes de ideias: a psicologia da "gestalt" e a teoria dos sistemas. Em poucas palavras, o holismo é o substrato filosófico de uma conceituação do homem como ente integrado à natureza, não separado dela, e considerado na sua totalidade somática, psíquica, social e ecológica. Por extensão, a medicina holística encara o homem doente dentro desse contexto amplo.

Quando alguém adoece, seu corpo, sua mente, seu ambiente social e ecológico estão interagindo de alguma forma e essa interação tem a ver com o aparecimento, as manifestações, a evolução e o manejo de seu problema médico.

P.R. Wolpe definiu, em 1990, de maneira brilhante, seu entendimento sobre medicina holística, que nos diz: "este tipo de medicina é uma filosofia de atendimento que de forma geral reforça a primazia da relação médico paciente, a importância dos fatores psicológicos, sociais e espirituais na saúde e na doença, e a responsabilidade da pessoa na participação do processo de saúde. Nada existe isoladamente, seja uma célula, seja uma pessoa". Jonh Donne (1572-1631) expressou isso de forma poética na conhecida frase: "Nenhum homem é uma ilha isolada" e continua: "a morte de qualquer homem diminui a mim, porque na humanidade me encontro envolvido".

Infelizmente, por adequada que seja a posição holística, por lógicos que pareçam ser seus pressupostos, a influência que ela tem sobre a formação dos médicos é mínima ou ausente. Qualquer atitude diagnóstica ou terapêutica que desborde os estreitos limites do chamado conhecimento médico oficial é mal vista e seus praticantes considerados, no mínimo, como charlatães.

Nos parece que é chegado o tempo de ampliar os horizontes da medicina ortodoxa, incluindo-se informações sobre tratamentos não convencionais nos currículos das escolas médicas.

O ensino médico, livre assim das amarras da conceituação cartesiana, levaria à formação de profissionais com uma visão mais integral do homem doente, médicos menos cientistas mas, sem dúvida, muito mais humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**The Clinical Application of Biopshychosocial Model.Am. J. Psychiatry. 137:5, May 1980:535-544.
The need for a new medical Model: A Challenge for Biomedicine. Science. 8 April 1977;196(4286):120-135.

✉ Endereço para correspondência
Gisele Rodrigues Lobato
Rua Comendador Caminha, 128/702
90.430-030 – Porto Alegre, RS – Brasil
☎ (51) 3217-1174 / (51) 3222-1363
giselelobato128@gmail.com

Recebido: 7/3/2011 – Aprovado: 10/3/2011

[1] Médica. Mestrado em Ciências Médicas pela UFRGS.
[2] Professor Titular do DMI da UFRGS.

51202_miolo_106.indd 208 14/07/2011 14:26:31